

## **IMBOM, DUPLIPLUSIMBOM, O USO DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO LINGUÍSTICA NA COMPREENSÃO DOS VOCÁBULOS EM LÍNGUA ARTIFICIAL**

GARCIA, Karol Souza  
UFPeI

MOZZILLO, Isabella  
UFPeI

### **1 INTRODUÇÃO**

Há muito tempo os estudos linguísticos são relacionados à literatura. Segundo Indursky (2006)<sup>1</sup>, desde os estudos retóricos na Roma antiga entendia-se que o “bem falar” era aquele que apresentava as estruturas presentes em textos literários. Hoje, ainda que o conceito de “bem falar” tenha sido mais bem problematizado, isto é, que os estudos da língua tenham se desenvolvido e também se expandido em direção à linguagem, a literatura permanece na heterogeneidade dos temas observados.

Este argumento é evocado a fim de justificar a utilização de uma teoria da linguagem para a análise de fragmentos da obra “1984” de George Orwell (1948). Porém, entre o estudo do texto enquanto enunciado e a teoria da linguagem que subsidiará este exercício, há ainda um elemento intermediário que funciona como ponte entre os dois níveis: a *novilíngua*, língua artificial criada pelo autor.

Os vocábulos deste idioma selecionados por semelhança formal: *imbom* e *dupliplusimbom* terão a combinação de morfemas que os formam posta em análise. Assim, serão observados sob a concepção sistêmica de língua que é comumente atribuída à estrutura das línguas naturais.

Busca-se compreender ainda como ambas as palavras são articuladas em meio aos enunciados e para isso deve-se considerar o enunciador (eu), a situação em que se enuncia (aqui, agora) e o enunciatário (tu). Então, recorre-se à teoria da enunciação linguística, pois essa fornece subsídios para o exame dos elementos do enunciado (FIORIN, 1996)<sup>2</sup> que proporcionam um sentido ao texto com relação a sua exterioridade.

Tais elementos constituem-se no sujeito, uma vez que a enunciação, segundo Benveniste (1989)<sup>3</sup>, corresponde ao *ato individual de utilização da língua* no espaço e no tempo. Dessa forma, não são descartados os pontos gramaticais que compõem o ato de enunciação, eles são somados aos demais fatores em busca de vestígios do caráter ideológico do enunciador.

Então, problematiza-se quem pode ser compreendido como “eu” em uma análise linguística de romance e qual tempo e espaço devem ser considerados, os referentes às narrativas ou ao ambiente em que elas foram criadas.

Entende-se que a análise linguística de “1984” só é pertinente (em lugar de uma análise literária) porque é capaz de relacionar os espaços virtual e real. A

<sup>1</sup> INDURSKY, Frida. **O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites**. In: ORLANDI, Eni, LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006, pag. 33-80.

<sup>2</sup> FIORIN, José Luis. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1996.

<sup>3</sup> Ver nota 2

forma como a língua é conduzida nesta obra deixa margem para que ligações entre os dois contextos sejam estabelecidas, isto é, há uma possibilidade de sentido na obra que só é dada por meio dos estudos da língua e da linguagem.

## 2 METODOLOGIA

Considerando que *o critério semântico e o mórfico estão intimamente ligados* (CÂMARA JR., 1988, p. 77)<sup>4</sup>, as duas palavras são submetidas a observações sob ambos os aspectos<sup>5</sup>. Constatou-se que a *novilíngua* provém dos processos de construção morfológica das línguas naturais<sup>6</sup> e que este fato interfere no sentido. O que se pretende aqui é observar como a soma dos prefixos *im-*, *dupli-* e *plus-* ao discurso auxilia a destruição dos sentidos, função primeira da *novilíngua* explicitada em “1984” e como o narrador argumenta contra a artificialidade deste processo:

“- É lindo, destruir palavras. **Naturalmente**, o maior desperdício é nos verbos e adjetivos, **mas** há centenas de substantivos que **podem perfeitamente** ser eliminados. Não apenas os sinônimos, os antônimos **também**. Afinal de contas, que justificativa existe para a existência de uma palavra que é **apenas** o contrário de outra? Cada palavra contém em si o contrário. ‘Bom’, por exemplo. Se temos a palavra ‘bom’, para que precisamos de ‘mau’? *Imbom* faz o mesmo efeito – **e melhor** porque é **exatamente** oposta, enquanto que mau não é. **Ou ainda** se queres uma palavra mais forte para dizer ‘bom’, para que dispor de toda uma série de vagas e inúteis palavras como ‘excelente’ e ‘esplêndido etc. e tal? ‘*Plusbom*’ corresponde à necessidade ou ‘*dupliplusbom*’ se queres algo ainda mais forte. **Naturalmente**, já usamos essas formas, mas na versão final da novilíngua, não haverá outras. No fim, todo o conceito de bondade e maldade será descrito por seis palavras – **ou melhor**, uma única. [...] **Naturalmente**, foi idéia do grande irmão.” (ORWELL, 2007, p. 38)

Quando o prefixo de negação *im-* é somado ao adjetivo “bom”, este último torna-se o seu antônimo. Este é um dos processos de formação de palavras utilizado na novilíngua: adota-se um prefixo universal que possa ser aplicado a um número amplo de adjetivos, impossibilitando a escolha de antônimos.

Este mecanismo parece aumentar o traço lógico da língua artificial, tornando-a pensada, pois, em língua natural, onde os processos não são usualmente lógicos, a adição do prefixo *im-* não ocorre em todos os adjetivos aos quais ela seria aplicável. Por exemplo, tem-se em português responsável/irresponsável, igualável/inigualável, porém ainda que possível, não é comum que se diga *inamável* no lugar de rude ou *imbelo* no lugar de feio.

Quanto aos prefixos *dupli-* e *plus-* eles funcionam como marcadores de intensidade que juntamente com o *im-*, formam o sentido de péssimo ou realmente péssimo.

<sup>4</sup> CAMARA JR., Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1988.

<sup>5</sup> Camara Jr. refere-se às línguas naturais, mas o conceito é também aplicado às línguas artificiais.

<sup>6</sup> Hipótese confirmada em etapa anterior deste trabalho.

Através do trecho selecionado, sabe-se que a *novilíngua* é uma invenção do *Grande Irmão*<sup>7</sup>, logo, além de ser uma língua forjada na realidade, possui essa mesma característica na ficção. Assim, não é vista como língua natural em nenhum ambiente. Devido a isso, o locutor do fragmento posto, um aperfeiçoador da *novilíngua*, defende a naturalidade da criação mesmo que em seu próprio discurso esteja presente a relutância em aceitá-la.

Estas características foram constatadas através das *marcas linguísticas da enunciação*<sup>8</sup> destacadas no texto. Há doze operadores argumentativos, sendo apenas um deles contrário à ideia de naturalidade da *novilíngua*: *mas* – “**Naturalmente**, o maior desperdício é nos verbos e adjetivos, **mas** há centenas de substantivos que **podem perfeitamente** ser eliminados”. Primeiramente, o locutor afirma um fato ligado a uma ideia contrária à que defende, mais tarde utiliza a conjunção adversativa para contrapor a colocação anterior ao seu argumento principal reforçando-o com a junção do verbo modal *poder* ao advérbio modal *perfeitamente*.

Quatro operadores são mobilizados para uma mesma conclusão, são eles: *ou ainda*, *e melhor*, *ou melhor* e *também* que têm sua tarefa reforçada pelo indicador modal *exatamente*. Todos os termos são articulados a fim de demonstrar a possibilidade de a *novilíngua* tornar-se língua concisa através da troca do uso dos antônimos pela adição dos afixos.

O advérbio *naturalmente* aparece três vezes. A partir deste fato, é possível pensar na defesa do caráter *natural* do apagamento das palavras, porém esta hipótese só se confirma na segunda aparição do termo em que o locutor julga natural o uso de formas como *imbom* e *dupliplusbom*. O advérbio *apenas* direciona a argumentação neste mesmo sentido, negando a importância da variedade de termos utilizáveis.

### 3 RESULTADOS E CONCLUSÕES

Considera-se ainda o tempo/espço, pois tanto o que ocupou o autor quanto o que é ilustrado na narrativa são marcados pela forte presença do autoritarismo<sup>9</sup>. Referencia-se, automaticamente, a criação da *novilíngua* pelo *Grande Irmão* à necessidade de um sistema político manipular a linguagem.

A forma como argumenta o enunciador em grande parte da passagem observada não permite ao receptor compreender o intuito de controle, não somente da língua, como também das ideologias. No entanto, a colocação que conclui o texto “*No fim, todo o conceito de bondade e maldade será descrito por seis palavras – **ou melhor**, uma única.*” deixa claro que, para o sistema não democrático regente no espaço da narrativa ou *Oceania*, a confusão de sentidos presente nas estruturas *imbom* e *dupliplusbom* é pertinente porque neutraliza a diferença entre as ideologias. *Bom* torna-se *imbom* da mesma maneira que *democrático* torna-se não *democrático* ou que *socialismo* vira *autoritarismo*. Todo um sistema é construído sobre a mudança de palavras.

<sup>7</sup> Em “1984” o sistema é personificado como o Grande Irmão, uma figura repressiva que, segundo as propagandas do estado, pode ver a todos em todos os momentos.

<sup>8</sup> KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

<sup>9</sup> Orwell vivenciou a colonização inglesa na Índia que derivou no romance “Dias na Birmânia” (1934) e retratou em “1984” a URSS de Stalin. O autor possui também narrativas não ficcionais de suas experiências políticas e ensaios sobre o mesmo tema.

## 5 REFERÊNCIAS

CAMARA JR., Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1988.

FIORIN, José Luis. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1996.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Enunciação e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento, TEIXEIRA, MARLENE. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

INDURSKY, Frida. **O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites**. In: ORLANDI, Eni, LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006, pag. 33-80.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília P. de Souza. **Linguística aplicada ao português: Morfologia**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. Tradução Wilson Veloso.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia; OLIVEIRA; Márcia. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RÓNAI, Paulo. **Babel e Antibabel**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1980.